



# Os jovens por eles mesmos: um estudo acerca do fenômeno juvenil na perspectiva de estudantes do Ensino Médio de colégios e unidades sociais no Brasil

The young people self-explained: a study about the youth phenomenon from the perspective of Brazilian High School students from schools and social units

**Luiz Gustavo Santos Tessaro**

 <https://orcid.org/0000-0003-4215-5716>

**Patrícia Espíndola de Lima Teixeira**

 <https://orcid.org/0000-0002-5059-9571>

**Marcelo Bonhemberger**

 <https://orcid.org/0000-0002-1295-3015>

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Brasil

## Resumo

Neste estudo, objetivou-se compreender o ser jovem na contemporaneidade a partir da visão de estudantes do Ensino Médio. Foram utilizados dados de uma pesquisa maior, que contou com dez grupos focais com estudantes brasileiros. Utilizou-se Análise Textual Discursiva para avaliação dos achados. Participaram 80 estudantes oriundos de colégios e unidades sociais de uma rede de ensino privada, habitantes de distintas regiões do país. Os resultados demonstraram que, para a amostra pesquisada, ser jovem era vivenciar pressão por desempenho, por desenvolvimento de um futuro profissional e pela mudança da sociedade. Além disso, envolvia desenvolver autoconhecimento, ser crítico e socialmente responsável, enfrentar riscos e desafios e conquistar autonomia. Os resultados foram discutidos a partir de uma fundamentação gestáltica e fenomenológica. As conclusões apontam para a diversidade e potência das experiências juvenis na contemporaneidade e levantam questionamentos sobre os impactos na clínica psicológica.

**Palavras-chaves:** juventude; adolescência; estudantes; ensino médio.

## Abstract

The aim of this study was to understand the contemporary young person from the perspective of High School students. We used data from a larger survey, which had ten focus groups of Brazilian students. We used Textual Discourse Analysis to assess the findings. Eighty High School students from schools and social units of a private educational network in different regions of the country participated in the study. The results showed that, for the sample surveyed, being young was to experience pressure for performance, career development, and social change. It also involved developing self-knowledge, being critical and socially responsible, facing risks and challenges and gaining autonomy. The results were discussed using gestalt and phenomenological bases. The conclusions point to the diversity and potential of youth experiences in the contemporaneity and raise questions about their impact on the psychological clinic.

**Keywords:** youth; adolescence; students; high school.



Juventude é um construto histórico e social heterogêneo, polissêmico, o qual varia de acordo com o tempo e o espaço e que, costumeiramente, no campo da Psicologia, é compreendido como sinônimo de adolescência (Poncela, 2021; Stengel & Dayrell, 2017; Trancoso & Oliveira, 2011). Já adolescência, por sua vez, tem sido alvo de atenção específica da ciência psicológica, em articulação com a Biologia e com a Cultura, desde os estudos de Stanley Hall em 1937 (Feixa, 2021; Groppo, 2017) até hoje pelas mais distintas abordagens psicoterápicas.

Coimbra, Bocco e Nascimento (2005), sugerem a opção por *jovem* ou *juventude* em preferência aos termos *adolescente* e *adolescência*. Estes conceitos, para as autoras, demarcariam um estudo tradicionalmente restrito de uma faixa etária e dos comportamentos comumente atribuídos a ela. Remeteriam a uma perspectiva desenvolvimentista – impulsionada pela psicanálise, sobretudo na figura de Érik Erikson – que naturaliza e universaliza a experiência adolescente em detrimento de uma perspectiva sócio-histórica (Ozella, 2002). Os discursos produzidos acerca da adolescência, antes de compreendê-la, constituiriam modos de produção de subjetividade, de reafirmação dos próprios pressupostos, e marginalizariam os desvios a essa norma (Coimbra et al., 2005). Determinariam também a adolescência como momento de crise no desenvolvimento (Ozella, 2002).

A escolha, pois, pelo uso dos termos *jovem* ou *juventude* enfatizaria as forças que constituem os sujeitos ao invés da tentativa de defini-los (Coimbra et al., 2005). Trancoso e Oliveira (2011) entendem que um pressuposto básico para o estudo da experiência juvenil é o da pluralidade de sua condição e não o da identidade, ressaltando as múltiplas formas de existência. Destaca-se ainda uma concordância, nacional e internacionalmente entre pesquisadores do tema oriundos de vários campos do conhecimento, do uso do termo *juventudes*, no plural: é uma forma de salientar essa multiplicidade das realidades juvenis nos mais diferentes contextos culturais e socioeconômicos (Barbosa, 2021; Dayrell, 2003; Poncela, 2021).

Não obstante, a Psicologia tradicionalmente teve dificuldades de superar a perspectiva puramente individual – que enfatiza a adolescência como estado, como fase inerente ao desenvolvimento humano. Esse ponto de vista não leva em consideração as desigualdades presentes no âmago da experiência juvenil (Ozella, 2002). Percebe-se, todavia, a incompletude conceitual, temporal e histórica quando se quer enquadrar a experiência juvenil num determinado período. As tentativas de conceituação social do fenômeno humano permanecem sempre em aberto.

Diante do exposto, partimos do princípio de que não existe um padrão universal descritivo que esgote toda a experiência juvenil em qualquer espaço e tempo. Esta também não se encerra unicamente em uma delimitação etária rígida. Contudo, parafraseando Kluckhohn e Murray (conforme citado por Pervin, 1978) todo *jovem* é, sob certos aspectos, como todo *jovem*; como certos *jovens*; como nenhum outro *jovem*. Há, pois, características gerais, características de coletivos



particulares e características singulares, todas inseridas em um contexto cultural posicionado historicamente. De um ponto de vista geral, postulamos, com amparo da sociologia das juventudes, que a passagem para a vida adulta, na contemporaneidade, mostra-se incerta para muitos jovens devido à relativização dos marcadores de transição do passado (como inserção no mercado de trabalho e constituição de família) e à fragilidade das condições de experimentação de independência, que demarcaria a passagem à adultez (Pais, 2016).

Diante dos aspectos discutidos, para melhor compreender as singularidades do fenômeno juvenil em um determinado espaço-tempo é necessário, como princípio, abrir-se ao diálogo com o sujeito disposto a falar sobre sua condição. Concordamos com os autores anteriormente referidos pela preferência do termo juventudes (e por ela optamos neste texto e na pesquisa) e com a noção de que, para a compreensão do fenômeno juvenil se faz necessária, em um primeiro momento, a suspensão dos apriorismos rigidamente estabelecidos atrelados ao conceito de adolescência, historicamente elaborados no campo da Psicologia, os quais exprimem uma visão eminentemente adultocêntrica (Ozella, 2002).

Com intuito de buscar esse entendimento, este artigo traz uma análise das respostas à pergunta “o que é ser jovem hoje?”, oferecidas por grupos focais de estudantes de Ensino Médio dos colégios e das unidades sociais de uma rede de escolas no Brasil. Objetivou-se compreender o que é ser jovem na contemporaneidade a partir da visão de estudantes do Ensino Médio. A seguir, apresentamos os desdobramentos das questões acima citadas, explicitando o método utilizado no estudo bem como os principais resultados da pesquisa.

## Método

Nesta seção são descritos o desenho metodológico do estudo, os procedimentos de coleta e análise de dados e os procedimentos éticos de estudo maior, bem como a fundamentação teórica que orientou as reflexões sobre os achados. Este trabalho é um recorte de um estudo maior intitulado “Vamos falar sobre o Ensino Médio? Os/as jovens estudantes e suas percepções de currículo no Brasil Marista” (União Marista do Brasil et al., 2020). Tratou-se de uma pesquisa de métodos mistos convergentes e de delineamento caracterizado como levantamento de campo, transversal e de nível descritivo (Creswell & Creswell, 2021; Gil, 2019; Sampieri et al., 2013). O artigo parte exclusivamente da apreciação de uma das questões qualitativas propostas, conforme supracitado (“O que é ser jovem hoje?”).

As respostas a essa questão foram obtidas por intermédio da realização de dez grupos focais com estudantes, oito na modalidade presencial e dois na modalidade *on-line*, entre junho e setembro de 2019. Orientou-se que os grupos fossem constituídos por um número entre seis e nove estudantes, considerando os seguin-



tes critérios: proporcionalidade entre jovens do primeiro, segundo e terceiro ano do Ensino Médio e representatividade do ponto de vista das diversidades (étnico-raciais, de gênero, econômicas, dentre outras).

Os estudantes que concordaram em participar assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e seus responsáveis legais, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Ressalta-se que a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e observou todos os cuidados com pesquisas com seres humanos, conforme as resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

O grupo focal foi o método escolhido para coleta de dados por se caracterizar pelo fomento a debates abertos sobre temas de interesse comum de maneira democrática, dando visibilidade às diferentes perspectivas sem distinção, privilégios ou destaques a posicionamentos particulares (Gaskell, 2003; Keil, 2015). Constitui-se, pois, em uma ferramenta importante na pesquisa em juventudes, visto que permite a criação de espaços horizontais de escuta e participação (Evaldt et al., 2022; Freitas et al., 2016).

Para a investigação das respostas utilizou-se a metodologia da Análise Textual Discursiva (ATD) (Moraes & Galiuzzi, 2006, 2016). A ATD pode ser caracterizada como um método intuitivo que supera a lógica da linearidade oportunizando uma terceira via analítica, nem restrita ao dedutivo, nem ao indutivo. Na ATD o pesquisador não parte de pressupostos, mas de um processo reconstrutivo em busca de novos paradigmas que enfatizam a autoria dos participantes do estudo (Moraes & Galiuzzi, 2006).

Para tal, ATD configura-se como um processo contínuo de desconstrução e reconstrução de materiais linguísticos que visa gerar novos entendimentos sobre os temas investigados a partir de uma fundamentação fenomenológica (Moraes & Galiuzzi, 2016). Envolve a desconstrução do *corpus* textual, unitarizando as falas após leituras acuradas, a reordenação categórica desses elementos unitarizados em grupos relacionados às temáticas emergentes, constituídos de variadas amplitudes e a captação do novo que se revela, comunicado e validado através da produção de metatextos que sintetizem os principais entendimentos (Moraes & Galiuzzi, 2016).

A abordagem proposta pela ATD exige fundamentação e atitude fenomenológica diante da investigação. Ao pesquisador, cabe permitir que os fenômenos se manifestem. Entende-se que a ATD em seus pressupostos fenomenológicos, contribui para evidenciar as vivências juvenis com diligência às descrições realizadas pelos participantes. Assim, realiza-se um percurso dinâmico diante das expressões dos jovens participantes, caminhando do todo às partes e novamente às totalidades geradas por novas compreensões. A teorização, desse modo, parte de novos sentidos e significados, indicando um movimento espiralado e contínuo de procura de mais sentidos, de aprofundamento gradativo da compreensão dos fenômenos



(Moraes, 2003).

A sistematização dessas etapas visa consonância ontológica e epistemológica de “quem”, “do quê” e do “como” se investiga qualitativamente a complexidade do “ser sendo”, de como o ser se reconhece na medida em que vai se tornando, experimentando, fazendo, acontecendo. De acordo com Bicudo (2011) a construção da realidade e a construção do conhecimento se dá em um movimento de ser e conhecer, de onde o epistemológico não se separa dos desdobramentos processuais de produção, do ontológico. No caso específico de estudos qualitativos com jovens, essa concepção favorece identificar o fenômeno percebido nos próprios modos de aparecer. Exemplificando, se a frieza é percebida no frio, a vermelhidão mostra-se no vermelho, a luz na luminosidade, podemos entender que a juventude é revelada na pessoa jovem. Por isso, é preciso permitir que os jovens falem por eles mesmos: de si, para si e sobre si.

A partir da investigação das respostas oferecidas pelos jovens estudantes, iniciou-se uma reflexão sobre os achados, fundamentada na hermenêutica da abordagem gestáltica e da fenomenologia. A Gestalt-terapia é uma teoria e método de aplicabilidade clínica e terapêutica desenvolvida na década de 1950 (Perls et al., 1997). O termo abordagem gestáltica remete ao uso ampliado dos recursos teóricos e técnicos para além do contexto clínico tradicional (Branco & Carpes, 2017). Da fenomenologia, nos pautamos nos princípios que embasam o estudo qualitativo, apontando sua proficuidade para a compreensão do jovem enquanto pessoa, na sua singularidade e no seu contexto social (Ales Bello, 2019). A pesquisa fenomenológica com base em Edmund Husserl (1859-1938) intenciona responder as questões que se referem ao sentido “das coisas mesmas”, visando caracterizar o ser em sua tentativa de orientar-se no mundo, ou seja configurar fundamentos confiáveis, sem prejuízos e vieses. Trata-se de analisar o dado e o fenômeno consciente na sua essencialidade. Para Ales Bello (2019), este é um movimento de “escavação” que constitui um terreno explicativo e que pretende sucessivamente descobrir, o sentido das realidades e mais ainda, quem é este que busca o sentido. Assim, a *fenomeno-logia*, configura-se como uma reflexão-descrição dos fenômenos que se apresentam à subjetividade humana, mirando no sentido do fato e não apenas, na constatação factual (Ales Bello, 2019).

## Resultados

Essa seção traz os achados do estudo de maneira separada da discussão. Essa opção ocorreu a fim de manter a expressão própria do jovem e de sua experiência diferenciando dos discursos realizados a partir de suas falas.

Participaram da pesquisa 80 estudantes, com idades entre 14 e 17 anos (média de idade de 16 anos), oriundos de 13 colégios e três unidades sociais de



uma rede educacional. Os jovens eram habitantes das regiões sul, sudeste, centro-oeste e nordeste do Brasil.

Das respostas obtidas junto aos participantes foram elencadas 20 categorias intermediárias, pertencentes a uma categoria final maior denominada “o jovem hoje”. A ATD orienta a quantificação do conteúdo encontrado, pois entende que “os números complementam descrições qualitativas dos fenômenos e vice-versa. Não se deve fugir deles (...)” (Moraes & Galiazzi, 2016, p. 121). Assim sendo, as quatro categorias intermediárias que tiveram maior destaque do ponto de vista percentual foram: pressão (26,7%), preparação para o futuro (14,3%), protagonismo e responsabilidade social (10,5%) e autoconhecimento (8,6%).

Todas as categorias, a despeito dos percentuais menores de ocorrência, serão descritas ao longo deste texto. Neste artigo, entretanto, optamos por uma discussão que aproximasse temas afins, em um processo de síntese dos achados. Essa síntese gerou 8 subseções que descrevem a experiência de ser jovem hoje para os participantes, nomeadas da seguinte forma: vivenciar pressão; estar orientado para o futuro e para o ideal de felicidade; ser humano, crítico e socialmente responsável; desenvolver autoconhecimento e amadurecimento; estar em fase de transição ou estado de jovialidade; exaltar e aproveitar; adquirir responsabilidades e conquistar autonomia; vivenciar desafios, riscos e compromissos.

## 1. Vivenciar pressão

De acordo com a experiência dos estudantes, ser jovem era carregar uma pressão por, principalmente, três motivos: desempenho, futuro pessoal e mudança da sociedade. Comentaram que existe uma cobrança por excelência, dado que hoje há muitos recursos tecnológicos que possibilitam o acesso ao conhecimento de forma facilitada, o que tornaria injustificável qualquer dificuldade e mal desempenho. Essa perspectiva esteve presente em falas como a que segue:

*Eu acho que o jovem, tipo dessa época, que nasceu logo depois dos anos 2000, é muito complicado porque a gente está na época da tecnologia, né? Todo, todos os dados estão toda hora em todo o lugar, a gente sabe tudo em um, sabe... em um estalo de dedos. E só por esse fato a pressão que a gente tem para tipo, 'ah, mas como é que tu vai mal?', 'tu tem tudo na tua mão' (Jovem de colégio).*

No que tange ao futuro, os jovens revelaram discursos aos quais estavam submetidos, como o da necessidade de autoconhecimento, visto como recurso instrumental fundamental para a escolha profissional. A urgência por escolha, no entendimento dos respondentes, vinha em um momento adverso dadas as mudanças experienciadas do ponto de vista biológico. Além de se sentirem imaturos para escolhas profissionais, ressaltaram que o mundo do trabalho se tornou cada vez



mais instável, na medida que novos cursos, ofertas e empregos surgem dia a dia a uma velocidade recorde, dificultando projetos de vida minimamente estáveis.

*A gente não faz nenhuma ideia de como vai ser o mundo no futuro porque, diferente dos nossos pais, eles tinham uma... um mundo... eles tinham uma noção, eles tinham uma fórmula. Tu começava um negócio e terminava. Estaria muito mais fácil, entre aspas. Agora, todo mundo fala: "ah, vocês vão trocar de emprego e vão trocar cinco, quatro vezes de profissão", "vocês vão ficar com a média de cinco anos por empresa", "vocês têm que ser especializados o máximo possível para ganhar espaço, porque cada vez mais precisa ser mais especializado", então a gente tem uma carga para suprir para nos tornar bons profissionais muito grande, a gente tem que enfrentar um desafio constante de nos aperfeiçoar a cada momento tendo apenas 15, 16, 17 anos, sabe? a gente não pode ficar parado e achar que a gente pode esperar (Jovem de colégio).*

Enquanto alguns queixaram-se de que seu futuro dependia de uma prova (vestibular, ENEM ou outra similar), outros (a saber, os estudantes de unidades sociais) reconhecem outros caminhos possíveis para suas vidas, não restritos ao ensino universitário. É o que se observa no excerto abaixo:

*Muita gente às vezes não quer fazer, não quer fazer uma faculdade, uma universidade e há uma cobrança muito maior, porque acha que isso não vai dar futuro, que o futuro só dá, só é a universidade, ou só é o estudo. Claro que o estudo é a base de tudo, só que as pessoas acabam esquecendo que há outros valores que importam (Jovem de unidade social).*

No que se refere a um chamamento do jovem à intervenção em aspectos problemáticos da organização social vigente, os respondentes revelaram uma ambivalência oriunda do mundo adulto. Demandas impostas ao jovem de que este construa um futuro melhor para o país e para o mundo conviviam com discursos que invalidavam as ações e ideias do próprio jovem. Diante disso, os respondentes declararam que são vistos como a geração que possui o dever ou obrigação de modificar a sociedade. Os sentimentos manifestados a partir da obrigatoriedade em "corrigir" os erros dos que vieram antes, são múltiplos e inquietantes. Porém, de maneira conjunta com os adultos, em uma ação intergeracional esse "realinhamento" que impele transformações sociais se revelaram potentes.

A condição juvenil, para os respondentes, era de risco. Seu diagnóstico foi de que muitos de seus conhecidos e amigos não tinham recursos para lidar com tamanha pressão, o que inviabilizaria o processo de autoconhecimento e a experiência positiva do ser jovem, além de trazer a sensação de incapacidade. Isso acarretaria, na visão deles, em adoecimento mental (ansiedade, depressão, estresse) e interrupção de sonhos. Eles próprios entendiam que a saída estava no respeito ao tempo individual, sem comparações, e o equilíbrio entre diversão e responsabilidade. Por fim, relacionaram a pressão a uma necessidade dos adultos,



não dos jovens: "(...) a quantidade de pessoas adultas que estão insatisfeitas com o que elas fazem é alarmante. É muito raro você encontrar pessoas adultas que realmente falam 'nossa é isso mesmo que eu queria fazer', 'eu tô muito feliz com o meu trabalho'" (Jovem de colégio).

## 2. Estar orientado para o futuro e para o ideal de felicidade

Os jovens entendiam a condição juvenil enquanto experiência orientada para o futuro. As vivências e definições desse período, para os participantes, moldam os momentos posteriores da vida. Impulsionavam para esse movimento rumo ao subseqüente os muitos questionamentos sobre o que fazer e sobre qual lugar ocupar no mundo utilizando todo o seu potencial para, com esperança, construir um futuro melhor.

*Ser jovem é tá constantemente se perguntando, se fazendo pergunta... o que que eu vou estar fazendo, tipo, que nem ano que vem... onde é que a gente vai tá, o que é que a gente vai tá fazendo, é realmente isso que eu quero? (Jovem de colégio).*

Como aspecto negativo destacaram as indecisões. Também, principalmente entre os estudantes de unidades sociais, o peso adicional conferido à continuidade dos estudos, vista como meio de promover o desenvolvimento familiar.

*Eu acho que ser jovem é carregar o peso do futuro. Tanto um futuro de uma nação ou do, do mundo em si, quanto o futuro da tua família. Muitos jovens vivem a realidade de que precisam estudar, precisam ganhar mais para sustentar uma família que tá em pedaços. Então, isso já é algo que acarreta uma... um peso a mais (Jovem de unidade social).*

Ser jovem também foi descrito como possibilidade de mobilizar a fantasia da infância e, com o recurso crítico, atualizá-la na forma de sonhos e aspirações, sem as quais a vida adulta feliz se torna muito prejudicada. Na fala de um dos jovens:

*Eu acho que apesar do que disseram sobre ter vários jovens que tem ansiedade e depressão, eu concordo plenamente com isso, mas eu acho que não tem idade melhor e etapa melhor do que quando você é jovem para você sonhar. E você sonhar e saber guardar esse sonho para botar em prática quando for adulto. Porque as vezes você passa sua juventude sem ter um sonho, e quando você é adulto você não vive mais, você praticamente sobrevive, e fica no automático. Então eu acho que a juventude é o momento de você pegar toda essa carga de fantasia que você tinha na infância, trazer para a realidade, e manter esse sonho para quando for ser adulto você ser uma pessoa feliz (Jovem de colégio).*



### 3. Ser humano, crítico e socialmente responsável

A experiência juvenil, para alguns respondentes, era uma possibilidade de existir em igualdade com a condição adulta, desempenhando um papel de participação e argumentação. Havia, para os participantes, viabilidade de uma experiência satisfatória de vida no presente, sem a urgência dada à iminência de um “fim”, representado pelo tornar-se adulto:

*Eu acho que ser jovem é acima de tudo ser humano. Acho que as vezes as pessoas acham que ser jovem, adolescente, a gente é menos gente que pessoas adultas então acho que é ser jovem é ter opinião, ser jovem é ser gente, ter nossas dificuldades, é querer crescer, é querer aproveitar igual todo mundo quer (Jovem de colégio).*

Alguns participantes manifestaram o entendimento de que ser jovem é ter a possibilidade de agir na sociedade, assumir a responsabilidade da mudança ante um mundo adulto que não tem mais a mesma condição de fazê-lo, por não ter mais a energia e o vigor da juventude. Desse modo, os respondentes pensavam na possibilidade de exercer influência no contexto social por meio da inserção em sua área de escolha profissional, do engajamento em lutas importantes e da presença significativa, que, de fato, promova a diferença nos ambientes.

*Ser jovem é justamente ter essa energia diferente, ter esse pensamento que as coisas do passado nem todas têm que perdurar até hoje (...). É instigar mesmo o pensamento, a crítica, é trazer pra pauta mesmo coisas polêmicas pra que as pessoas possam estimular o pensamento, criar um argumento a partir disso, gerar uma discussão. É trazer pra mesa mesmo tudo aquilo que as pessoas têm medo de debater. E muitas vezes o jovem não tem medo de trazer isso pra... pra realidade. É, tipo, você ir lá e tocar na ferida da sociedade, mostrar: “olha, você não pode ignorar isso, tá acontecendo”. E mesmo que você queira ignorar vai continuar acontecendo. Então, pra mim, ser jovem é tentar buscar, pelo menos a maior parte das pessoas, buscar esse protagonismo (Jovem de colégio).*

Os jovens afirmaram que tinham a responsabilidade de oferecer o melhor de si na construção de uma sociedade mais fraterna e cooperativa, com diálogo e tolerância. Afirmaram também ter o dever de romper paradigmas viciados, os quais, eventualmente, não respondessem mais às demandas da contemporaneidade; de instigar a crítica; de levantar pautas e de gerar discussões que pudessem desenvolver o modo de convivência que operava o viver coletivo.

### 4. Desenvolver autoconhecimento e amadurecimento

As frases da categoria “autoconhecimento” definiram a experiência de ser jovem como uma descoberta de si que poderia se dar de maneiras mais intimistas



e individualistas ou mais coletivistas. A primeira remeteu à maior seletividade de relações, à necessidade de tomar decisões e de assumir consequências de maneira solitária e a mudanças psicológicas e emocionais.

*É uma fase de muitas escolhas, é uma fase de... de muito autoconhecimento (...) hoje a gente fica mais seletivo, assim, a gente fica no nosso grupo, então hoje em dia a gente tá assim, acho que... a gente vai se escolhendo, a gente vai se conhecendo mais (Jovem de colégio).*

A segunda, remeteu a trocas com os pares e aproximações com o diferente a fim de identificar gostos pessoais. Na fala dos estudantes ficou clara uma possibilidade de experimentação como fator promotor de autoconhecimento, embora não seja uma opção viável a todos:

*E é o que mais ou menos eu faço, eu tento experimentar um pouquinho de cada coisa, eu estudo idiomas então eu tento vários idiomas pra ver qual eu gosto mais, pra ver qual país eu gostaria de morar então eu tento estudar um pouco sobre a cultura de cada. Eu passeio bastante com os meus amigos pra passeios culturais que eu gosto, pra entender qual o tipo de cultura... Eu gosto muito de cultura! E ler bastante sobre várias partes do mundo pra conhecer, acho então que ser jovem é conhecer tudo pra depois descobrir o que você gosta, se descobrir (Jovem de colégio).*

Houve ainda falas que compuseram uma categoria semelhante, denominada "amadurecer". Por amadurecimento, depreenderam o processo de formação de uma nova identidade pessoal que se manifestaria por meio da mudança ou da criação de opiniões e do desenvolvimento de atributos preexistentes. Por meio de experiências novas, o jovem teria a possibilidade de renovar e fortalecer vínculos com familiares ou com seus pares: " (...) é quando a gente começa a amadurecer bastante, começa a se questionar, criar mais opinião e acaba observando, às vezes a gente acaba identificando se tem algum problema, alguma coisa, a gente acaba absorvendo mais, tentando resolver" (Jovem de unidade social).

## **5. Estar em fase de transição ou estado de jovialidade**

Algumas opiniões expressaram um entendimento de que ser jovem é viver uma fase de passagem da infância para a adultez. Nas palavras de um jovem de colégio: "É uma espécie de tempo meridional quando metade dos nossos anos estão no passado e a outra metade está no futuro".

Percebiam a infância, etapa anterior, como momento da fantasia e da ausência de preocupações, em contraste com a adultez, fase de maiores responsabilidades e de efetivo protagonismo na sociedade. A juventude seria um ínterim, intervalo de vida de menor cobrança em relação à vida adulta e de desenvolvimento



de competências para o futuro profissional. A passagem se daria pela aprendizagem experiencial e pelo enfrentamento de problemas próprios da experiência juvenil.

Não obstante, algumas opiniões expressaram uma ideia de juventude desatrelada da noção de faixa etária, o que possibilitaria uma utilização do termo para um contingente populacional alargado. Assim, alguns jovens questionaram a noção de fase de transição e posicionaram-se no âmbito de um estado de jovialidade e de vinculação a atividades produtivas: “Eu acho que ser jovem abrange muito mais que essa fase de transição na adolescência. Porque eu acho que compreende também os adultos e essas pessoas que estão mais ativas” (Estudante de unidade social).

## 6. Exaltar e aproveitar

Os participantes trouxeram a ideia de que a juventude é o melhor e mais importante momento da vida, amparando essa afirmação na constatação de que, nesse período, se tem mais tempo, mais energia e mais maturidade, comparando a outros. Nas palavras de um dos participantes: “essa é a melhor fase que temos. Temos mais tempo, e mais energia, e mais responsabilidades no caso, temos a consciência mais madura comparado a outras fases da vida” (Jovem de colégio). Além disso, a experiência juvenil seria carregada de muito aprendizado por experiência.

As respostas sugeriram, ainda, que a experiência juvenil era de reduzida responsabilidade - o que permitiria apreciá-la de maneira mais intensa e livre - e não estaria limitada ao papel de estudante.

*Acho que ser jovem é você ter a liberdade pra viver intensamente, aproveitar as diferentes ocasiões da vida. Muita gente também coloca a opinião de que é só estudar, se formar, mas eu vejo esse se formar... na verdade é uma formulação um pouco acadêmica (Jovem de colégio).*

## 7. Adquirir responsabilidades e conquistar autonomia

As opiniões expressaram, ainda, um entendimento de jovem e de adolescente como sinônimos e sinalizaram ser um momento de vida de aumento de atividades e de carga horária no ambiente educacional, exigindo, dentro e fora desse espaço, maior maturidade e, inclusive, cuidado com as decisões tomadas. Nas palavras de um participante: “(...) foi muito difícil deixar de ser criança e passar pra adolescência porque é tudo um peso nas costas, tem que ter mais maturidade pras coisas” (Jovem de unidade social).

Houve falas que denotaram a aquisição de uma autonomia semelhante à dos adultos a partir do estabelecimento de uma relação de confiança com os pais, os



quais permitiam liberdade de ações e de escolhas:

*A confiança que os meus pais têm em mim é muito grande, então eles me deixam sair, eu tenho total autonomia, assim, o que eu precisar fazer eu faço, se precisar ir no banco eu vou, se precisar comprar alguma coisa eu compro, eu vou trabalhar e tal. E é bem importante essa confiança, né? (Jovem de colégio).*

## 8. Vivenciar desafios, riscos e compromissos

Os jovens destacaram a dificuldade que é enfrentar riscos contemporâneos, tais como a violência, a drogadição e a interatividade digital. Na fala de um dos participantes:

*Acho que é um desafio, assim, como é que eu posso explicar... tu, principalmente com a realidade hoje em dia a gente tem que ter bastante cuidado com as amizades que a gente anda, as coisas que a gente faz, entendeu? (...) porque são vários desafios e várias, vários obstáculos que a gente tem que ultrapassar em relação às amizades, em relação às drogas, toda violência que tá na rua hoje em dia e... e é basicamente essa, é um, risco diário que a gente acaba correndo né? não sei, pelo menos para mim, as minhas amizades mais próximas, assim, é bem complicado (Jovem de colégio).*

Outros desafios ficaram evidentes em falas que aludiram à restrita latitude de decisão frente à figura do adulto. Na experiência dos participantes, ser jovem envolve se sentir obrigado a acatar ordens que não lhe parecem corretas ou não encontrar espaço para diálogo e escuta das críticas que tem a fazer. Relataram ainda se deparar com impedimentos diante de posturas autoritárias e hierárquicas de poder.

*Acho que o maior problema é que a gente cresce em um mundo adultocêntrico, que a gente cresce tendo que repetir coisas do passado, e aí a gente, assim, em casa, na escola, em todo o lugar, a gente não é criado pra ser seres pensantes, a gente não tá, a gente não chega pra criticar, se a gente fala alguma coisa pro nosso pai que critica uma regra que ele te impõe, já fica tipo, "não, eu que sou adulto, eu que mando, você não pode ter essa divergência, você não pode ver a minha falha", sabe? "Você tá errado, independente do que você fizer" (Estudante de colégio).*

Algumas opiniões revelaram a dificuldade de encontrar possibilidades de diálogo em uma sociedade pouco aberta à participação do jovem. Ao mesmo tempo, ressaltaram o compromisso com a mudança pelas gerações de hoje e pelas gerações anteriores que travaram percurso de lutas:

*Ser jovem é o grande desafio, porque nós não temos uma sociedade pronta para dialogar com a juventude, aberta às nossas sugestões, à nossa participação, e pra mim tem essa dificuldade, mas acho que a gente também tem um compromisso muito grande com a nossa*



*geração de tentar promulgar as mudanças que queremos e, também, o compromisso histórico com aqueles jovens que já lutaram tanto para que hoje a gente tenha conquistado algo (Estudante de unidade social).*

## Discussão

Esta seção debate os achados coletados junto aos participantes a partir de uma hermenêutica gestáltica e fenomenológica. Refletimos, pois, acerca do que eles disseram sobre sua experiência de ser jovem na contemporaneidade, não para buscar novos universais descritivos e cristalizá-los em seguida, mas para vislumbrar novos entendimentos atualizados, contextualizados e, talvez, muito provisórios.

A primeira consideração a ser feita é a manifestação das vivências juvenis em si mesmas à luz da autoconsciência, da consciência do outro, das comunidades e das sociedades que habitam (família, escola, amigos, ambientes digitais). Do ponto de vista fenomenológico, estar consciente, é estar intencionalmente voltado a algo em primeira pessoa. Por isso, evidenciar a essência que emerge nas manifestações dos jovens, vem revelar “cada coisa”: corpórea, material, intelectual, afetiva, familiar, social, prognóstica, hipotética, perspectiva. Assim, a esfera das vivências (*Erlebnisse*) apresenta-se em um *continuum* mutável dos quais se tem o “eu vivido” no agora (Ales Bello, 2019).

Quando tematizamos juventude(s) essa é uma essência básica. Falamos *de* e principalmente *com* pessoas reais e concretas em um período histórico. Há de se ter atenção com posições rememorativas, imaginativas, estagnadas e arbitrárias que posicionam a juventude no passado comparativo ou no futuro idealizado, descolando as narrativas juvenis da vida presente. É preciso ressaltar a juventude do agora contemporâneo que manifesta suas singularidades e sociabilidades de um jeito único, originário e fluente.

Para além de fixar a juventude como objeto de estudo temporal, iniciativas com jovens reclamam por uma relação de pessoa-a-pessoa em fluxos vivenciais relacionais. Estuda-se não algo, mas alguém. Há uma presença viva com dinamis-mos psíquicos que, em suas vivências, não deve ser reduzida apenas às leis causais entendidas em sentido determinístico. De tal modo que, das vivências juvenis à consciência de estarmos diante de jovens do hoje, há uma intersubjetividade constitutiva de relação. E é com essa atitude relacional e intencional que os parágrafos que seguem, discutem o que foi apresentado pelos jovens estudantes participantes da pesquisa.

Aos pesquisadores, chama a atenção a vivência de tamanha pressão revelada pelos jovens, sendo essa uma categoria expressiva nas suas manifestações. Essa pressão enquanto experiência de ser jovem encontra-se bastante vinculada ao que se entende por papel de estudante, visto principalmente como sujeito em



preparação para provas (vestibular, ENEM e outros exames similares) as quais possibilitariam seu futuro ingresso na universidade e, quiçá, no mundo do trabalho. Esse entendimento se revelou encadeado nas percepções dos estudantes sobre si, sobre a expectativa de muitas famílias, do sistema de ensino e da própria sociedade em suas múltiplas e complexas tensões. Por vezes, fica a impressão de que esta realidade interrompe outras possibilidades de ser jovem, visto que se atrela a pessoa jovem a uma compreensão estudantil à serviço de demandas “desde fora” de suas existências, desarticulada com suas reais necessidades. Nesse sentido, observa-se que jovem é uma pessoa para além de sua condição de estudante.

Quando descrevem essa vivência de jovem-estudante, suas falas revelam introjetos<sup>1</sup> acerca de como o meio espera que sejam, ligados à exigência de excelência, de alto desempenho e de competitividade os quais demarcam a invasão de elementos da racionalidade socioeconômica na experiência juvenil. Essa racionalidade é uma lógica que perpassa diversos campos da vida e das relações em que a sociedade passa a ser compreendida numa perspectiva, puramente mercadológica, com características marcantes de concorrência e de competição as quais têm como pano de fundo a constituição de um sujeito-empresa e de relações de trabalho e produção precarizadas (Scherer, 2020). Em contrapartida, o mundo do trabalho é fundamental à condição autônoma da condição juvenil. Sem renda, e mesmo em trabalhos informais, multiplicam-se os níveis de ansiedade e a própria dependência vital. O sentido do trabalho enquanto dimensão impulsionadora, contribui para expansão do jovem da condição unicamente dependente. Ao jovem, trabalhar o coloca em perspectiva de emancipação, transformação, criação e inovação. Ademais, o trabalho não deve isolar-se a um instrumentalismo esvaziado de significado de vida. Como um valor, o mundo do trabalho torna-se um potencial dignificante (Leão & Nonato, 2014).

Os exames para ingresso no Ensino Superior funcionam como uma espécie de ritual de passagem contemporâneo, não definem o ingresso no mundo “adulto”, mas indicam a fluidez vivencial de um novo momento da experiência juvenil que, para os participantes, ora é bem delimitada (sinônimo de adolescência), ora tem um fim impreciso (engloba a experiência adulta). Apesar disso, as provas classificatórias eliciam a experiência de ansiedade (de desempenho), ligada aos introjetos supracitados. Os próprios jovens discutem caminhos alternativos a esse – não necessariamente isolando no curso universitário seu único destino – sobretudo aqueles em situação de vulnerabilidade socioeconômica que, historicamente, acessam menos a universidade, têm menos anos de estudo (Ministério da Educação, 2022) e carecem de recursos urgentemente para a subsistência. A ansiedade revela ainda

<sup>1</sup> Introjeto é o produto da introjeção disfuncional no contato com o campo. Esta ocorre quando uma excitação emerge, porém não é reconhecida. Torna-se estratégico, então, assumir o desejo alheio para se adequar ao ambiente, em uma substituição chamada de inversão do afeto. O resultado desse processo é sentido como ansiedade (Schillings, 2014).



uma predominante orientação para o futuro em prejuízo de uma experiência com a temporalidade equilibrada entre o aqui-e-agora e o lá-e-então.

Os jovens revelaram a projeção<sup>2</sup> de uma necessidade transicional à vida adulta: a escolha profissional. Não se faz, aqui, referência à escolha que é figura genuína do jovem – que vem de maneira espontânea a partir do contato no campo – mas àquela que parte do discurso adulto, que é projeção deste, com forma e conteúdo específicos. Os participantes apontaram suas percepções considerando que há muitos adultos demonstrando insatisfação profissional, os quais precisariam, pois, repensar seus caminhos de forma a construir novas escolhas que pudessem, de fato, (re)significar suas vidas. Contudo, com a interrupção dessa aspiração, demandam-na ao jovem e de maneira imediata. Assim, terceirizam a realização pessoal e acrescentam uma carga emocional demasiadamente pesada e dispensável ao jovem. Muitos participantes do estudo já identificavam naturalmente em si o anseio por projetar sua vida e futuro profissional e, para tanto, precisavam do respeito e cuidado com o seu tempo.

Algumas das manifestações dos respondentes sugeriram que o processo de autoconhecimento não se dá de forma solipsista, mas na experiência com o mundo, interagindo com o diferente. Autoconhecimento é, pois, na visão de alguns jovens participantes e da Gestalt-terapia, um fenômeno de campo, resultado do processo de contato, em que a função Personalidade do self<sup>3</sup> permite a construção de novas representações do sujeito sobre si mesmo (Távora, 2014). Tais representações não são dadas de antemão em sua totalidade, mas surgem a partir da relação organismo-meio no campo existencial. Logo, a oportunidade de experimentação parece ser, para alguns dos jovens participantes, meio primordial pelo qual se dá o processo autoconhecimento. Mesmo com base fenomenológica, o autoconhecimento configura-se como um meio, mas não como um fim suficiente para a realização humana. Nesse sentido, requer um salto “desde dentro” de si, constituindo relações com os demais. Esse seria um movimento maior de autoconsciência de quem se é, de quem não se é; concomitante com a consciência empática<sup>4</sup> de quem

<sup>2</sup> Projeção disfuncional é um processo de interrupção de contato que ocorre quando a pessoa não pode aceitar suas emoções, invertidas no processo da introjeção disfuncional, e então se desapropria delas por meio da negação e da atribuição desse sentimento a um terceiro no campo (Schillings, 2014).

<sup>3</sup> *Self* em Gestalt-terapia é entendido como fenômeno que surge no processo de contato do organismo com o meio e que viabiliza esse contato na fronteira. Classicamente, é descrito como tendo três funções primordiais diferenciadas: função Id, função Ego e função Personalidade. A função Id é um fundo indeterminado de possibilidades formado pelas excitações orgânicas, pelas situações inacabadas, pelas percepções e pelas emoções nascentes. A função Ego é a identificação progressiva e o comportamento motor possível associado. A função Personalidade é resultado da assimilação de aspectos do meio unidos ao processo de crescimento anterior (Távora, 2014).

<sup>4</sup> O argumento baseia-se na fenomenologia da Empatia da filósofa alemã Edith Stein (1891 – 1942). Sua tese doutoral *Zum Problem der Einfühlung* (2008) defendida em 1916 ainda não possui tradução ao português. Na língua alemã, o substantivo *Einfühlung*, do verbo *fühlen* refere-se ao “sentir” e aqui, encontra-se associado ao prefixo *ein* (“dentro” ou “em”). *Ein-ffühlen*, pode ser entendido como um “sentir dentro”/“sentir em” uma relação intersubjetiva. Relação essa em que o outro é



se é *com* o outro, *para* o outro e *diante* do outro (Barreira, 2014). Tal análise torna-se fundamental para que o jovem não se restrinja unicamente ao que ele percebe sobre si, ou ainda, assuma os discursos feitos sobre si. Implica em impulsionar suas potências para além de si, integrativas às sociabilidades que tece, tanto com outros jovens, como intergeracionalmente.

Na relação intergeracional com a condição adulta, revelaram alguma experiência de interrupção. Os jovens respondentes intencionavam participar ativamente da sociedade, de questionar estruturas cristalizadas e, em alguns momentos, afirmaram que são convidados a fazê-lo. Entretanto, os mesmos atores do campo que convocam e esperam sua ação cidadã, negam-se ou limitam-se ao diálogo quando este lhes parece demasiado diverso e/ou complexo, trazendo por justificativa a imaturidade juvenil. Tais discursos afetam o processo de acompanhamento e de desenvolvimento das juventudes, infantilizando, negando um lugar de participação social orgânica, horizontal e estabelecendo uma atualização do que a literatura psicanalítica descreveu como moratória (Ozella, 2002). Verifica-se, porém, uma moratória produzida, não universal ou natural. Trata-se, em uma perspectiva sócio-histórica, de uma latência social construída em vários âmbitos da experiência de ser jovem (Bock, 2004).

Uma hipótese de saída possível é a retroflexão<sup>5</sup> dessa necessidade ou o redirecionamento desta para locais onde sentem valorizada sua autoria, participação e protagonismo. No caso dos jovens participantes deste estudo, esses locais foram associações entre seus pares, como agremiações estudantis, grupos religiosos e grupos de voluntariado, por exemplo. São, estas últimas, as formas possíveis encontradas pelos jovens para o exercício de uma ação emancipadora em um contexto social que os limita. Nesse sentido, ressalta-se que a educação com jovens revela realidades de desenvolvimento pessoal e concomitantemente, o compromisso com a condição juvenil ativa em sociedade, visto que a existência é uma existência no mundo, a vida, uma vida em comum (Stein, 2004).

Destaca-se, ainda, o fato de haver diferentes grupos de jovens, com diferentes marcadores sociais neste estudo. São jovens de regiões interioranas e de zonas urbanas, jovens de colégios e de unidades sociais, do gênero masculino e feminino. No entanto, a metodologia de coleta de dados em grupos focais não permite a investigação pormenorizada de especificidades entre esses marcadores sociais, visto que privilegia a construção de respostas coletivamente, caracterizando um todo que é diferente do somatório das partes (Dias, 2000). Desmembrar o todo em partes é um movimento que deve ser realizado com cautela neste caso, a fim de não incorrer em erro metodológico. Da mesma forma, generalizar as respostas dos grupos

---

sentido não como “eu”, mas como “outro” semelhante, uma alteridade.

<sup>5</sup> Retroflexão disfuncional é a contenção da excitação como saída possível para evitar que ocorra o contato. A energia que não se expressa no meio, nesse caso, volta para o próprio organismo em um processo que pode gerar agravos (Schillings, 2014).



à condição juvenil geral é equivocado. Antes, tais respostas auxiliam em uma nova aproximação da condição juvenil contemporânea, que não é universal.

Apesar dessas considerações, chamou a atenção que categorias como amadurecer, aproveitar a vida, autoconhecimento, conquistar autonomia, fase de transição e exaltação desta fase da vida foram marcadamente mais presentes nos colégios que nas unidades sociais. O fato de que os jovens de unidades sociais, em geral, vêm de uma condição socioeconômica mais frágil, permite levantar hipóteses. Para estes, talvez, a conquista da autonomia se dê de maneira mais precoce, sem o privilégio do tempo, que poderia promover autoconhecimento e permitiria aproveitar melhor esta fase. A transição, para estes, pode se dar de maneira mais abrupta. Esses questionamentos, contudo, carecem de maior exploração de estudos futuros.

### Considerações finais

Este artigo objetivou estudar o fenômeno juvenil a partir dos jovens participantes de uma pesquisa de escopo nacional acerca do Ensino Médio brasileiro. Iniciou apresentando o conceito de juventude em distinção de adolescência, considerando diferentes abordagens. Apontou concepções sociológicas que colocam em xeque a visão adultocêntrica, visto que estas, limitam o jovem ao estado dependente e de perpétuo "inacabamento".

A partir da questão "O que é ser jovem hoje?", apresentou-se os achados qualitativos evidenciando a voz do jovem sobre sua própria condição. Para tal, o artigo explica a metodologia desenvolvida por meio de grupos focais que engajaram 80 jovens das cinco diferentes regiões do país, observando contextos rurais, urbanos e periféricos. O desenho metodológico de investigação do *corpus* textual, constituído do conteúdo das gravações orais transcritas, foi explanado à luz da Análise Textual Descritiva (ATD). Com embasamento fenomenológico, as vivências juvenis foram evidenciadas, destacando as percepções e experiências dos jovens por eles mesmos.

Os resultados discutiram as vivências juvenis de pressão, orientação de futuro e visão de felicidade, o entendimento de ser humano, crítico e socialmente responsável, pensamento sobre transição ou estado de jovialidade, a exaltação e o aproveitamento da vida, aquisição de responsabilidades, conquistas de autonomia, as vivências desafiadoras, os riscos e os compromissos. Os argumentos teceram relações hermenêuticas da Abordagem Gestáltica e da Fenomenologia.

Considerar o fenômeno juvenil, é superar as leis de causa e efeito e entender a realidade da pessoa que se apresenta em suas singularidades e sociabilidades. É partir do modo de viver e das compreensões de pessoa a pessoa e das pessoas em relação. A realidade dos jovens, nesta perspectiva, é captada, compreendida,



interpretada e comunicada, a partir do que emerge diante da consciência que intencionalmente se volta a compreendê-los. Quando são organizados estudos com juventudes, é considerável o entendimento de que se está diante de alguém concreto no tempo presente. Diante disso, cada jovem tem um conhecimento próprio do mundo, o que fenomenologicamente revela que o conhecimento sobre si, sobre o outro, sobre as coisas e as relações, não se isolam no sujeito internalizado, nem no mundo externalizado, e sim, em um mundo vivenciado. As vivências juvenis encontram-se justamente neste *continuum* de cotidianidades e significações pessoais e intersubjetivas, nas relações que constroem com os demais. Para tal, faz-se necessário criar ambientes inclusivos em que o jovem se sinta à vontade de participar e ativamente construir o seu projeto de vida com significado e significantes bem como a liberdade de expressar as suas individualidades, inquietudes e sonhos. Nas palavras de Johnson (2020), devemos “inclusificar”, ou seja, criar uma atmosfera saudável, confiável, acolhedora e propositiva.

De maneira coerente com esse entendimento, é necessário destacar que este estudo não encerra definitivamente a temática abordada, tendo como limitação o fato de não dar respostas universais e generalizáveis – como as pesquisas qualitativas, em geral – ao questionamento acerca do que é ser jovem hoje. Antes, oferece um fechamento provisório para uma pergunta de pesquisa a ser (re)feita constantemente para diferentes públicos, com diferentes marcadores sociais e temporais, à guisa de uma compreensão contextualizada de sentidos e de significados particulares.

Os dados aqui apresentados também provocam algumas reflexões iniciais acerca da clínica psicológica com jovens. O discurso consolidado sobre a adolescência enquanto momento de crise vital com características pré-estabelecidas responde às distintas experiências da pessoa jovem/adolescente hoje? Se postulamos a normalidade da crise adolescente como dado e como momento a ser superado, há lugar para ser aqui-e- agora ou só resta o lá-e-então? Quais as consequências da negação de uma existência válida no agora? Estes e outros questionamentos se fazem possíveis a partir desta escuta proposta com um grupo de estudantes.

Unimo-nos ao pensamento do Ozella (2003), quando postula que a formação em psicologia traz visões de adolescência/juventude demasiadamente cristalizadas e que estudar a experiência real e concreta da condição juvenil na contemporaneidade é fundamental. Assumir uma compreensão apriorística sobre o que é ser jovem ou adolescente e atuar na clínica a partir dessas concepções implica arcar com generalizações as quais podem não corresponder plenamente à vivência singular do consulente. Ademais, a experiência dialógica fica fixada na atitude Eu-Isso<sup>6</sup>, reafir-

<sup>6</sup> A atitude Eu-Isso, tomada de empréstimo da filosofia de Buber, compreende uma postura de objetivação, experimentação e maior passividade do consulente; a atitude Eu-Tu, abarca a presença, a reciprocidade e a postura ativa do par na relação terapêutica. Ambos são momentos importantes para uma clínica de fundamentação dialógica (Motta et al., 2020).



mando introjetos – ao invés de trazê-los à consciência – e validando a permanência em um lugar social predeterminado. Essa postura, não raro, associa o clínico a uma perspectiva liberal de ser humano (Ozella, 2003), cujo trabalho é posto à serviço de uma adequação dos indivíduos à lógica da produção e do mercado. Assim, cabe ao terapeuta perceber em dados sintomas manifestos na experiência juvenil atual seu valor enquanto comunicação de um mal-estar, resistência e ajuste criativo.

Parece-nos que a fundamentação da psicoterapia em uma perspectiva de campo (que considera as forças e valências que agem sobre o jovem e que contribuem para o sofrimento e, eventualmente, para o adoecimento da experiência juvenil) pode estabelecer um paradigma mais aberto ao entendimento da complexidade das experiências de produção de subjetividade na contemporaneidade para além do determinismo intrapsíquico.

Além disso, longe de ser apenas um período de crise e adoecimento, os jovens destacaram uma série de aspectos positivos de sua experiência juvenil. Exaltaram esse momento de suas vidas e manifestam apreço pela possibilidade de autoconhecimento e de aquisição de maior autonomia. Ser jovem ou adolescente não lhes parece ser algum tipo de síndrome ou patologia (Knobel, 1981) que deve ser logo superada, concepção tão historicamente arraigada às práticas de profissionais da psicologia (Ozella, 2003). Pelo contrário, valorizam o aqui-e-agora de suas existências, apontando para potências de vida e de saúde. Tais aspectos positivos são também um bom foco de trabalho clínico, visto que a saúde e a maturidade psicológicas estão na possibilidade de maior auto apoio e autorregulação em relação ao meio e suas vicissitudes (Galli, 2009), crescimento este que encontra suporte nas fortalezas preexistentes, não na defectividade.

## Referências

- Ales Bello, A. (2019). *O sentido do humano: entre a fenomenologia, psicologia e psicopatologia*. Paulus.
- Barbosa, J. S. (2021). Juventude(s): afinal, que sujeitos sociais são estes? *CADERNOS DO APLICAÇÃO*, 4377. <https://doi.org/10.22456/2595-4377.111283>
- Barreira, C. R. A. (2014). A bela adormecida e outras vinhetas: a empatia, do corpo a corpo cotidiano à clínica. In J. Savian Filho (Org.). *Empatia: Edmund Husserl e Edith Stein: apresentações didáticas* (pp. 53–93). Loyola.
- Bicudo, M. A. V. (2011). A pesquisa qualitativa olhada para além dos seus procedimentos. In M. A. V. Bicudo (Org.). *Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica* (pp. 11–28). Cortez.



- Bock, A. M. B. (2004). A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. *Cadernos CEDES*, 24(62), 26–43. <https://doi.org/10.1590/s0101-32622004000100003>
- Branco, P. C. C., & Carpes, C. de O. (2017). Produção gestáltica nas bases de dados SCIELO e PEPsic: revisão sistemática. *Revista IGT na Rede*, 14(26), 72–86. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/igt/v14n26/v14n26a05.pdf>
- Coimbra, C., Bocco, F., & Nascimento, M. L. (2005). Subvertendo o conceito de adolescência. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 57(1), 2–11. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arp/v57n1/v57n1a02.pdf>
- Creswell, J. W., & Creswell, J. D. (2021). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto* (5a ed.). Penso.
- Dayrell, J. (2003). O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, 24, 40–52. <https://doi.org/10.1590/s1413-24782003000300004>
- Dias, C. A. (2000). Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. *Ciência da Informação*, 10(2), 1–12. <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/330/252>
- Evaldt, A., Tessaro, L. G. S., & Teixeira, P. E. L. (2022). “A gente tem esse protagonismo neste momento”: a experiência de pesquisa com jovens do Ensino Médio do Brasil Marista por meio de grupos focais presenciais e online”. In P. E. L. Teixeira, M. J. Machado, M. Bonhemberger, & C. S. Fabis (Orgs.). *(Re)Significações do Ensino Médio e protagonismo juvenil: tessituras curriculares* (pp. 45–65). Edipucrs.
- Feixa, C. (2021). Uma geração viral? adolescência e confinamento. *Tomo*, 38, 17–36. <https://doi.org/10.21669/tomo.vi38.14698>
- Freitas, A. P., Elias, M. C., Proença, R. C., Costa, V. R. G., Brito, Y. S., & Menezes, A. B. (2016). Intervenção com adolescentes por meio de grupos focais: uma estratégia de democratização escolar. *Revista conexão UEPG*, 12(3), 546–557. <https://doi.org/10.5212/Rev.Conexao.v.12.i3.0015>
- Galli, L. M. P. (2009). Um olhar fenomenológico sobre a questão da saúde e da doença: a cura do ponto de vista da Gestalt-terapia. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 9(1), 59–71. <https://doi.org/10.12957/epp.2009.9135>
- Gaskell, G. (2003). Entrevistas individuais e grupais. In M. W. Bauer & G. Gaskell (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp. 64–89). Vozes. <https://doi.org/10.1590/s1415-65552004000200016>
- Gil, A. C. (2019). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (7a ed.). Atlas.



- Grosso, L. A. (2017). *Introdução à sociologia da juventude*. Paco.
- Johnson, S. (2020). *Inclusifique: como a inclusão e a diversidade podem trazer mais inovação à sua empresa*. Benvirá.
- Keil, I. M. (2015). Grupo focal: algumas notas sobre questões práticas. *Revista Debates*, 9(1), 49. <https://doi.org/10.22456/1982-5269.54052>
- Knobel, M. (1981). A síndrome da adolescência normal. In A. Aberastury, & M. Knobel (Orgs.). *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico* (pp. 24–63). Artes Médicas.
- Leão, G., & Nonato, S. (2014). Juventude e trabalho. In M. Z. A. Correa, & C. L. Maia (Orgs.). *Cadernos temáticos: juventude brasileira e Ensino Médio*. UFMG.
- Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. (2022). *Censo da educação superior 2020: divulgação dos resultados*. [https://ifg.edu.br/attachments/article/1462/Censo%20Superior%202020\\_17%2002%202022%20-%20Final%2011h00min.pdf](https://ifg.edu.br/attachments/article/1462/Censo%20Superior%202020_17%2002%202022%20-%20Final%2011h00min.pdf)
- Moraes, R. (2003). Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. *Ciência & Educação (Bauru)*, 9(2), 191–211. <https://doi.org/10.1590/s1516-73132003000200004>
- Moraes, R., & Galiuzzi, M. C. (2006). Análise textual discursiva: processo reconstitutivo de múltiplas faces. *Ciência & Educação (Bauru)*, 12(1), 117–128. <https://doi.org/10.1590/s1516-73132006000100009>
- Moraes, R., & Galiuzzi, M. C. (2016). *Análise textual discursiva* (3a ed.). Unijuí.
- Motta, H. L., De Assis, G. A. P., & Satelis, L. R. (2020). A gestalt-terapia como clínica do encontro: compreendendo a relação dialógica. *Revista da Abordagem Gestaltica*, 26(2020), 382–392. <https://doi.org/10.18065/2020V26NE.3>
- Ozella, S. (2002). Adolescência: uma perspectiva crítica. In M. de L. J. Contini, S. H. Koller, & M. N. S. Barros (Orgs.). *Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas* (pp. 16–24). CFP. <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/01/adolescencia1.pdf>
- Ozella, S. (2003). A adolescência e os psicólogos: a concepção e a prática dos profissionais. In S. Ozella (Org.). *Adolescências construídas: a visão da psicologia socio-histórica* (pp.17-40). Cortez.
- Pais, J. M. (2016). *Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro* (4a ed.). Machado.



- Perls, F., Hefferline, H., & Goodman, P. (1997). *Gestalt-terapia* (3a ed.). Summus.
- Pervin, L. A. (1978). *Personalidade: teoria, avaliação e pesquisa*. EPU.
- Poncela, A. M. F. (2021). Juventudes, definición y autorreflexión. *Revista iberoamericana de las ciencias sociales y humanísticas*, 10(19), 1–26. <https://doi.org/https://doi.org/10.23913/ricsh.v10i19.236>
- Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, M. P. B. (2013). *Metodologia de Pesquisa* (5a ed.). Penso.
- Scherer, G. A. (2020). Notas sobre juventude, classe social e política. *Argumentum*, 12(1), 22–31. <https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/download/30126/70/86764>
- Schillings, A. (2014). Concepção de neurose em Gestalt-terapia. In L. M. Frazão, & K. O. Fukumitsu (Orgs.). *Gestalt-terapia: conceitos fundamentais* (pp. 193–215). Summus.
- Stein, E. (2004). *Der Aufbau der menschlichen Person: Vorlesung zum philosophischen Anthropologie*. Herder.
- Stein, E. (2008). *Zum Problem der Einfühlung*. Herder.
- Stengel, M., & Dayrell, J. (2017). Produção sobre adolescência / juventude na pós-graduação da Psicologia no Brasil. *Desidades*, 14(5), 18–29. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2318-92822017000100003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2318-92822017000100003)
- Távora, C. B. (2014). Self e suas funções. In L. M. Frazão, & K. O. Fukumitsu (Orgs.). *Gestalt-terapia: conceitos fundamentais* (pp. 63–87). Summus.
- Trancoso, A. E. R., & Oliveira, A. A. S. (2011). Juventudes: desafios contemporâneos conceituais. *Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 4(2). <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/1371>
- União Marista do Brasil, Observatório Juventudes PUCRS/Rede Marista, & Observatório das Juventudes PUCPR. (2020). *Relatório gráfico da pesquisa: Vamos falar sobre o Ensino Médio? os(as) jovens estudantes e suas percepções de currículo no Brasil Marista*. Edipucrs. <https://umbrasil.org.br/wp-content/uploads/2020/10/Pesquisa-Vamos-falar-sobre-Ensino-Médio.pdf>

### **Nota sobre os(as) autores(as):**

Luiz Gustavo Santos Tessaro é mestre em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), especialista em Psicologia Clínica pelo Conselho



Federal de Psicologia (CFP). Gestalt-terapeuta pelo Comunidade Gestáltica - Clínica e Escola de Psicoterapia (SC). Pós-graduado em Psicologia Positiva (PUCRS). Pós-graduado em Teologia Pastoral (PUCRS). Pós-graduando em Terapia-Cognitivo-Comportamental (PUCRS). Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário Metodista IPA (RS). Especialista Técnico do Observatório Juventudes PUCRS/Rede Marista. E-mail: [tessaro.luiz@gmail.com](mailto:tessaro.luiz@gmail.com)

Patrícia Espíndola de Lima Teixeira é doutora em Teologia e Mestre em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Pós-graduada em Filosofia e Autoconhecimento (PUCRS). Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional (FAPA). Licenciada em Pedagogia (PUCRS). Coordena o Observatório Juventudes PUCRS/Rede Marista. E-mail: [patricia.espindola@pucrs.br](mailto:patricia.espindola@pucrs.br)

Marcelo Bonhemberger é doutor e mestre em Filosofia pela Universidade Pontifícia Salesiana de Roma (UPS). Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Especialista em Gestão de Pessoas e Marketing pelo Centro Universitário Franciscano (UNIFRA). Professor Adjunto da Escola de Humanidades e Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCRS. Pró-Reitor de Identidade Institucional da PUCRS. E-mail: [marcelo.bonhemberger@pucrs.br](mailto:marcelo.bonhemberger@pucrs.br)

**Data de submissão:** 25.11.2022

**Data de aceite:** 03.08.2023